ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO NA FALA: FUNÇÕES DAS PERGUNTAS NA FALA DE ITABAIANA/SE[1]

Andréia Silva Araujo[2]

Raquel Meister Ko. Freitag[3]

Resumo: Discutimos neste texto a possibilidade de perguntas, na modalidade falada da língua, comportarem-se como estratégias gramaticalizadas de interação. O *corpus* em análise é constituído pela amostra *Entrevistas Sociolinguísticas* do banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS. Trata-se de uma abordagem de ordem qualitativa, com vistas ao mapeamento das funções e subfunções das estratégias de interação encontradas na fala de Itabaiana/SE. Os resultados sugerem que, na amostra de fala analisada, as perguntas não funcionam apenas como estratégias de interação – utilizadas para focalizar ou estimular o envolvimento do interlocutor – mas também como uma estratégia de sequenciação de informações.

Palavras-chave: Fala. Estratégias de interação. Perguntas.

Abstract: In this text, we discuss if questions in spoken language can be behave as grammatical interactional strategies. The corpus analyzed is a sample of Sociolinguistic Interviews from GELINS databank. It is a qualitative approach to mapping functions and subfunctions of interactional strategies in Itabaiana/SE spoken language. The results point that, in this sample, the questions not only function as interaction strategies - to focus and stimulate the involvement of partners – but as an informational sequentiation strategy.

Keywords: Spokne language. Interactional strategies. Questions

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em estratégias de interação, estamos nos referindo aos caminhos de que se vale o falante para melhor se aproximar de seus ouvintes e conseguir atingir os objetivos a que se propõe. Trata-se dos meios pelos quais o falante se utiliza para que seu interlocutor possa compreender o sentido que este quis produzir em um determinado enunciado. Assim, ao conseguir atingir esse objetivo, o

[1] Este trabalho é um desdobramento do plano de trabalho "Procedimentos discursivos na escrita de Itabaiana/SE: estratégias de interação", vinculado ao Programa Institucional de Iniciação Científica (COPES/UFS), desenvolvido durante o período de agosto de 2008 a julho de 2009, na área de Sociolinguística.

[2] Aluna do curso de Letras UFS/Itabaiana. Bolsista PICVol (2008-2009) e PIBIC/CNPq (2009-2010). E-mail: andreialuzinete@hotmail.com

[3] Professora do Departamento de Letras, Universidade Federal de Sergipe/Campus Prof. Alberto Carvalho. Coordenadora do projeto "Procedimentos discursivos na fala e na escrita de Itabaiana/SE" (Edital Universal FAPITEC 03/2007).

falante passa a interagir com o seu ouvinte. Uma das estratégias que o falante dispõe para verificar se o ouvinte está em sintonia com a interação são as perguntas.

Na fala, perguntas são construções linguísticas que se realizam por meio de uma sintaxe interrogativa, ou seja, possuem entonação ascendente que nos permite identificar que um determinado enunciado se trata de uma pergunta. O uso de perguntas está constantemente presente na língua falada com o intuito de propiciar, entre outras coisas, uma maior proximidade entre os interlocutores, o que nos permite afirmar que se trata de uma estratégia de interação por excelência para comunicação entre os falantes.

Na perspectiva tradicional, a pergunta é considerada:

> um pedido de informação não conhecida, havendo, nesse par dialógico, uma dupla ligação: a uma pergunta segue-se uma resposta que, por sua vez, é decorrente de uma pergunta, o que acaba por levar a uma circularidade inevitável, geralmente aceita como necessária (FÁVERO, 2000, p. 86).

Entretanto, analisando a fala, observamos que, muitas vezes, o falante faz uma pergunta, mas o ouvinte não a responde. Se as perguntas são estratégias que constituem a circularidade do par dialógico, então, por que o falante faz uma pergunta e ele mesmo a responde? Ou ainda por que o falante realiza uma pergunta e não espera a resposta? Estes são alguns questionamentos levantados aos quais tentaremos responder ao longo deste texto.

Existem alguns estudiosos no Brasil que tratam deste tema na modalidade falada da língua, como é o caso de Urbano, Fávero, Andrade e Aquino (2006), que o abordam em uma perspectiva dialógica – pergunta e resposta (P-R) – evidenciando sua natureza, estrutura e função. Segundo estes, Stenström afirma que:

> A necessidade de se proceder a uma descrição do par dialógico pergunta e resposta (P-R) no português falado deve-se ao fato de serem elementos cruciais na interação humana. Na verdade, é difícil imaginar uma conversação sem elas (STENSTRÖM, 1984 *apud* URBANO; FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 133).

Assim, com base nestes estudos, analisamos as ocorrências de par dialógico *pergunta e respostas* encontradas na amostra *Entrevistas Sociolinguísticas* do banco de dados do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS), com um *corpus* constituído por 7 entrevistas sociolinguísticas de informantes itabaianenses. Optamos por uma abordagem de ordem qualitativa, com vistas ao mapeamento das

funções e subfunções das estratégias de interação encontradas na fala de Itabaiana/SE. A partir da análise das ocorrências encontradas, buscamos indícios de que essas construções possam estar passando por processo de gramaticalização, nos termos de Traugott (1995): processo pelo qual um item lexical (ou uma construção), impulsionada por dado contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical. Em suma, a recorrência de perguntas pode ser enquadrada como resultado de ações pragmaticamente controladas, os quais podem ser enquadrados em uma trajetória de gramaticalização. Permeando a mudança, estão pressões sociais (analisadas sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008)), as quais atuam direcionando a mudança linguística (FREITAG, 2008).

2 PERGUNTAS NA FALA: ESTRUTURA E FUNÇÃO

Ao investigarmos a amostra *Entrevistas Sociolinguísticas* do banco de dados do GELINS, constatamos que o uso de perguntas pelos itabaianenses era recorrente nesta modalidade e, também, que estas construções eram utilizadas como estratégias de interação. A par disso, analisamos os tipos de perguntas recorrentes no par dialógico *pergunta e resposta* – tendo como foco principalmente a *pergunta* – a fim de observar seu funcionamento como estratégias de interação na modalidade de língua falada de Itabaiana/SE. A seguir, primeiramente, descrevemos os contextos de uso do par dialógico pergunta e resposta encontrados no *corpus*, e, posteriormente, estabelecemos uma proposta de categorização das perguntas de acordo com sua função na fala.

2.1 PAR DIALÓGICO: PERGUNTA E RESPOSTA

Assim como Fávero, Andrade e Aquino (2006), analisamos a tipologia Pergunta-Resposta (PR) (tendo como base os seus estudos), quanto à i) sua função na organização tópica do texto falado; ii) à sua natureza; e iii) à estruturação de Ps e Rs. Em relação à organização tópica do texto falado, a P[ergunta] "concorre para a introdução, a continuidade, a retomada e a mudança do tópico discursivo, já que ela é multifuncional" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, 2006:146). A título de exemplificação apresentamos, a seguir, segmentos do *corpus* que representam cada um destes casos.

No caso da introdução do tópico discursivo, Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.147) afirmam que "ao iniciarem uma conversação, é comum que os falantes o façam se utilizando de uma P[ergunta]". Vejamos um exemplo[4] do *corpus* em análise:

(1) F1: Cadê Gilvânia... tá boa?
F2: tá ... vai casar este ano (FA 03)[5]

Nesse segmento, F1 introduz o tópico "estado emocional ou de saúde" através de uma pergunta, estabelecendo a entrada do primeiro tópico a ser desenvolvido entre os falantes. O tópico discursivo se refere àquilo sobre o que se está falando. Ou ainda, de acordo com Aquino (1992), trata-se do sentido que é construído enquanto se fala, gerado, ainda, por atividades que mobilizam e marcam os seus segmentos. A continuidade tópica diz respeito às estratégias – neste caso perguntas e respostas – "utilizadas pelos interlocutores para dar prosseguimento ao tópico" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 147). Em (2), temos um exemplo deste caso, em que se desenvolvia o tópico "trabalho" e um dos falantes introduz uma pergunta para dar continuidade ao tópico.

(2) F1: Betânia... ta trabalhando aqui ainda?
F2: é ( ))
F1: e Bete?
F2: Bete ta na Vitae (FA 03)

Ainda em relação à continuidade tópica, Fávero, Andrade e Aquino (2003, p.52) afirmam que "o desenvolvimento do tópico se dá de acordo com a natureza da P[ergunta] formulada e que essa P[ergunta] pode ocorrer, por exemplo, para pedir informação, confirmação, esclarecimento". No caso do exemplo (2), a pergunta é utilizada para pedir informação, visto que os interlocutores envolvidos na conversação possuem uma relação muito próxima e de muitos anos o que justifica o interesse destes em saber como está à família de ambos/o que aconteceu durante o período em que não estavam juntas.

No que concerne à mudança de tópico, as autoras afirmam que esta ocorre "por esgotamento do assunto ou por não querer mais falar sobre aquele tópico, observa-se a

[4] Como norma de transcrição do banco de dados Entrevista Sociolinguística, a sintaxe do texto original do informante foi preservada.
[5] A sigla refere-se à identificação da entrevista. A primeira letra informa o sexo do informante (F para feminino e M para masculino) e, a letra seguinte, refere-se à faixa etária (J para 16 a 25 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos). Os números referem-se à identificação do informante.

possibilidade de ocorrência de uma P[ergunta], funcionando como elemento de mudança de tópico" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2003, p. 52). Esta mudança pode ocorrer de duas formas: local – quando "ocorre mudança no nível de subtópico, portanto, dentro do mesmo quadro tópico"– e global – quando "estão relacionados às mudanças de supertópico, ou seja, de quadros tópicos" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 149). Dizemos que um quadro tópico é formado por um conjunto de subtópicos, estes, por sua vez, podem ser entendidos como uma parte do tópico central, ou seja, trata-se de ramificações do tópico principal. Segundo Jubran (2006, p.129), duas condições são necessárias para formar um quadro tópico a primeira está ligada a existência de um supertópico – que é "um tópico superior" (KOCH, 1992) e a segunda refere-se à divisão deste em subtópicos coconstituintes. Observem-se os exemplos a seguir em que há, respectivamente, mudança global e local:

(3) F:1 o casamento de Elder foi lindo...minha fia...foi padre...
F2: Carlos
F1: não... foi padre... aquele padre moreninho... como é o nome dele?( ) mas o casamento de Elder foi lindo demais... você sabe onde ele foi passar a lua de mel? na... em Roma...ele trouxe um terço tão lindo pra mim... quer dizer que ele é todo caladão... mas se lembrou de mim... das tia toda... ele só trouxe pra mim... também eu sou madrinha dele... sabe? Eveline casou... o ano passado... ela trabalha lá na... Semed... é... pois Valdemir vai casar... filho de Ciro...
F2: *Solange tá trabalhando né?de Tonho*
F1: é
F2: ainda é no lugar que ela trabalhava? ou não?
F1: não... ela tá no João Alves
F2: é?
F1: é
F2: ah::: que bom (...) (FA 03)

(4) F1: ele vem sempre...mas...também ele..já se divorciaram até...a vida é assim...agente não sabe o que é...ta certo...nem quem tá errado...e Manuel sentiu muito sabe? porque eles viviam... meu Deus... era... era um casal feliz... mas ele ainda dá por ela... por os meninos... é... ela ainda mora lá em Aracaju... os meninos não quer vim pra aqui de jeito nenhum... eles... gosta do colégio... sabe? mas se ela morasse aqui menina... era outra coisa... dava até para ela juntar e comprar uma casinha... ela lá sozinha isolada...
F2: quantos filhos ela têm?
F1: dois...um rap/um menino e uma menina
F2: são pequenos ainda...né?
F1: parece que o menino tem doze... e a menina tem seis... e agora que aqui tem tudo... mas... e pode fazer jeito... gosto de menino assim... pode não...

> ôxe... paga um apartamento... uma fortuna... menina... cada cabeça tem... não é? Agora Fátima vive tão direitinho com o dela. (FA 03)

Em (3), o falante estava falando do tópico "casamento" e posteriormente muda para o tópico "trabalho" através de uma pergunta, tratando-se, portanto, de uma mudança de tópico global. Já em (4), temos uma mudança local, visto que o falante F1 estava desenvolvendo o tópico sobre a "separação do casamento e os filhos da amiga", em seguida F2 formula uma pergunta (*quantos filhos ela têm?*) mudando de tópico discursivo, no entanto, preserva um dos tópicos gerais relativo a "filhos". Logo após, F2 faz outra pergunta (*são pequenos ainda... né?*), mudando de tópico discursivo, mas também preserva o tópico geral.

Já a retomada/reintrodução do tópico discursivo ocorre "dada à propriedade da recursividade verifica-se que o tópico pode agir prospectiva e retroativamente" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p.148). O tópico discursivo pode agir para frente, ou seja, ligando novos segmentos a um discurso já proferido, portanto, prospectivamente. Ou então, pode agir retroativamente, limitando-se a produzir novamente fatos anteriores, mesmo que com outros enunciados, sem alterar o sentido. Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 148) afirmam que, "deste modo, ao perceber que houve um desvio do tópico, o interlocutor pode, muitas vezes, reintroduzi-lo por meio de uma P[ergunta], voltando ao tópico original". Esse tipo de organização do tópico discursivo não foi encontrado no *corpus* em análise.

O par dialógico P-R é também observado quanto à estrutura. Fávero, Andrade e Aquino descrevem dois grandes grupos de perguntas de acordo com a literatura linguística: fechadas e abertas. As perguntas fechadas são aquelas que restringem "sintática e semanticamente sua R[esposta] correspondente, que seria sim ou não, ou alguma formulação equivalente a sim ou não" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 136). Este tipo de pergunta "é semanticamente cheia e a R[esposta] é apenas uma confirmação ou não do questionamento" (URBANO; FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2002, p.79). Vejamos um exemplo do *corpus* em análise:

> (4) F2: *ainda é no lugar que ela trabalhava ou não?*
> F1: não... ela ta no João Alves (FA 03)

Em (4) temos um caso de pergunta fechada; entretanto, neste caso, a resposta não se restringe a apenas um sim/não, uma vez que F1, além de não confirmar a

informação de F2, informa a situação atual do falante sobre o qual estão falando. No caso das perguntas abertas, Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 136) afirmam "que o fator que permite esse tipo de ocorrência é de ordem pragmática, já que não é comum que se desenvolva uma conversação apenas com respostas afirmativas ou negativas simplesmente". Normalmente, as perguntas abertas são caracterizadas por um pronome interrogativo (*onde*, *como*, *quando*, *de quem*, *quem*), sendo que estas "costumam ser seguidas de R[esposta]s cujos elementos se correlacionam com a circunstância indicada pelo pronome eleito" (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 160), este caso pode ser observado em (5):

(5) F1: (...) não... assim... *comecei a cozinhar como?* ... quando meus pais ... minha mãe trabalhava... eu ficava em casa... aí ... ela adiantava tudo... aí dizia... faça um arrozinho... aí foi me ensinando a fazer arroz...coisas básica... aí fui gostando de culinária...e sempre to procurando(...). (MJ 03)

Constatamos, além das características presentes na estrutura das perguntas e respostas que já foram mencionadas, que os falantes buscam outras maneiras para focalizar a atenção dos interlocutores, como o paralelismo nas respostas às perguntas elaboradas. Observem-se os exemplos (6) e (7) a recorrência do paralelismo.

(6) F1: (...) mexer pra não ficar... os pedaços dos ovos (est.)... cozinhou o arroz deixou lá separado... *aí você vai pegar o que?* <u>você vai pegar calabresa</u>... vamos fazer de <<calambresa>>... e charque... vai pegar a <<calambresa>> cortar bem miudinha... (MJ 03)

(7) F1: tudo bem picadinho... o charquizinho... escaldou o charque... torrou... separa a <<calambresa>> ...cortou ou em fatia ou também em cubinhos... torrou... reserva... depois de tudo resevado...tudo pronto pro recheio... *você pode usar o que?*...<u>pode usar frango também se preferir</u>... no arroz (MJ 03)

Podemos dizer que o uso do paralelismo pelo falante se trata de uma estratégia de composição do texto e condução do tópico discursivo. O falante, ao repetir o trecho da pergunta "você vai pegar o que?" e "você pode usar o que?", estabelece continuidade tópica e também a transforma em uma marca introdutória, utilizada para promover envolvimento. Nesse sentido, trata-se de uma estratégia que promove o encadeamento dos enunciados, servindo, portanto, como recurso de coesão, ou seja, constitui em uma estratégia para a conexão interfrástica, exercendo a função de retomar o conteúdo anteriormente expresso no segmento tópico.

Depois desta exposição sobre os contextos de uso das perguntas tomando por base os estudos textuais-interativos de Urbano, Fávero, Andrade e Aquino (2002) e Fávero, Andrade e Aquino (2003, 2006), esboçamos, na seção a seguir, a análise sobre os tipos de perguntas que encontramos na amostra *Entrevistas Sociolinguísticas* que funcionam como estratégias de interação.

2.2 TIPOS DE PERGUNTAS

As perguntas, dependendo da forma como são estruturadas, podem ser classificadas em perguntas *plenas*, *retóricas* e *semiretóricas*. As perguntas plenas são aquelas que pedem do interlocutor uma resposta ou uma confirmação do que foi dito anteriormente. Este tipo de pergunta requer, necessariamente, uma resposta do ouvinte. A sua formulação considera o conhecimento e o compartilhamento de informações, bem como a relevância no contexto comunicativo. Por exemplo, perguntar as horas para uma pessoa que não possui relógio é uma pergunta que está fadada ao fracasso. Assim, uma pergunta feita a um ouvinte que não compartilha das informações presumidas pelo falante está fadada a não ser respondida. O uso desse tipo de pergunta na fala pode ser observado no trecho abaixo retirado do corpus:

(8) F1: (...) quando foi de tardezinha... minha outra nora foi me dar banho...aí disse assim...*"cadê o perfume"?* ... eu disse ta na cômoda... quando ela viu ela disse..."não tá não"(...).o:: quando eu tive o derrame... eu costurava... eu fazia muita cortina... então eu fui... na casa da vizinha... no... na sexta... rezar uma novena... quando eu che/aí a vizinha disse assim**...***"quer um pouco de...torta"*... eu disse "eu não quero não"... eu não tava com vontade... deixe pra amanhã...(...). (FA 03)

Em (8) o falante utiliza uma pergunta (trechos destacados em itálico) e logo após apresenta uma resposta (trecho sublinhado), que não é dada pela mesma pessoa que efetuou a pergunta; a ocorrência de perguntas neste tipo de contexto consideramo-na como plena. Destaca-se que esta ocorrência só é possível em fala reportada, uma vez que o falante ao narrar os fatos reproduz um diálogo que está relacionado ao tópico discursivo que estava sendo retratado, trazendo à tona a fala de outrem, o que o caracteriza como um discurso reportado direto, discurso em que o narrador deixa a personagem expressar-se por si mesma, limitando-se a reproduzir-lhe as palavras como as teria efetivamente selecionado, organizado e emitido.

Geralmente, quando o falante faz uso do discurso reportado, ele o marca através de um verbo dicendi o qual funciona como introdutor desse tipo de discurso. Ao caso aqui apresentado, trata-se de verbos não modalizadores que, segundo Nascimento (2006, p. 79), "são aqueles que, por natureza, apresentam o discurso de um L2 (segundo locutor) sem deixar marcas da avaliação do locutor que o apresenta". Ou seja, são verbos como *dizer, falar, perguntar, responder, concluir,* etc. que tem a função de indicar a fala do outro dentro do texto.

Em relação às perguntas retóricas, Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 161) afirmam que estas "ocorrem quando o falante elabora uma P[ergunta] com o intuito de que o ouvinte não responda, porque aquele já conhece a R[esposta] e é só uma questão de procurá-la na memória". Ou ainda, nas palavras de Martelotta e Alcântara (1996, p. 278), as perguntas retóricas caracterizam-se como aquelas "que não pede a resposta do ouvinte". Vejamos em (9) um exemplo desse tipo de perguntas presente no *corpus* em análise:

(9) F1: ah:: eu more/quando eu mim casei... eu fui morar na praça João Pereira... *você já não ouviu falar?*... eu fui morava lá... mas... eu não gostava... menina... porque na época que me casei... só tinha grupo...(...). (FA 03)

Em (9), observa-se que o falante fez uma pergunta a qual não deu nenhuma resposta de fato. Ou seja, diferentemente da pergunta plena (que "exige" respostas), este tipo de pergunta é formulada para não ser respondida, já que o locutor a formula para si mesmo, e cuja função é a de conduzir apropriadamente o ouvinte em direção à sua argumentação. As perguntas retóricas correspondem àquelas perguntas que não aguardam do interlocutor uma resposta, como foi possível observar em (9) (aliás, chegam até mesmo a "dispensá-la" linguisticamente). No entanto, "pode parecer que esse artifício de 'dispensar' a resposta implica em uma ausência de interação, mas pelo contrário, a pergunta retórica afeta tanto quem formula quanto o seu interlocutor, ainda que em níveis diferenciados de envolvimento" (ARANHA, 2008, p. 7). Este tipo de pergunta é elaborado com fins essencialmente argumentativos, e consiste em interpelar o interlocutor a aderir ao que se anuncia. Observem-se os exemplos (10)-(13) a seguir:

(10) F1: ah:: meu Deus... minha filha... minha infância foi muito pobre... porque meu pai tinha muitos filhos... e:: eu era a mais velha... aí eu fui aprender a costurar... porque não tinha outra... coisa né? aí eu fui aprender a costurar

com minha tia... aprendi a costurar... trabalhei... ganhei muito tostão... sabe? eu não tinha inveja de ninguém... porque o que eu queria eu comprava... tudo o que eu tinha vontade eu tinha... meu casamento foi num dia de domingo... foi bem bonito... meu... *como é que se diz?*... era uma pessoa assim pobre mas... todo mundo gostava de mim... olha... o comércio era pequenininho... não era como hoje... mas... dos comerciantes todinho... eu ganhei presente... os carro que tinha na praça... todinho... foi pro meu casamento...(...). (FA 03)

(11) F1: nem:: dentista eu ia.... e quando você não freq/se ( ) quando você tem o hábito de frequentar o dentista... você tem que (permanecer) esse hábito por muito tempo né? porque senão os dentes vão estragar:: no (est) as cáries vão aparecen::do e assim foi fui relaxando ... até cair um den::te ... a cair o::utro aí eu percebi que eu estava no fundo do poço... aí (est) por incrível que pare::ça... *aí surgiu uma luz que eu era o quê?* que eu tinha que estudar pra mim dar a volta por cima... eu tinha que estudar... aí voltei:: a estuda::r passei no vestibula::r... é... comecei:: a trabalhar novamen::te... na paixão que eu tinha que era o setor público... comecei a trabalhar... a minha atual mulher fazendo licitações pública.... concorrência PÚblica... correção de carta licitatória... aí dei a volta por cima... essa volta... mas hoje eu sou mais ponderado na amizade:: de.... eu sou menos flexível com trai::ção o ( ) eu sou um cara que ( )... eu não não me permito errar mais ...(...) (MJ04)

(12) F1: [nesse nesse meio filha de um/ uma menina que que acabou se tornando gerente... tan::to do ba::r como da lanchonete... porque o pouco aparecia porque já estava endividado mui::to... e eu não conseguia pagar todo mundo ... e fica::va deitado embai::xo do balcão:: deita::do na (maior) e... ( )tomava co::nta de tu::do ... aí engravido::u ... no inicio ninguém queri::a só a mãe queria na verda::de .... pra mim quando di/ veio a notícia ... e ta me contando nada foi a mesma coisa... mas depois a minha filha deu um ... *sabe aqueles estalos?* De responsabilida::de de pés no chã::o de AMOr de de sentimento LIMpo ... quando ela quand/ ela começou a caminha::r e primeira coisa pa/ painho ... pronto ...(...) (MJ04)

(13) tudo bem picadinho... o charquezinho... escaldou o charque... torrou... separa a <<calambresa>> cortou ou em fatia ou também em cubinhos... torrou.. reserva... depois de tudo resevado...tudo pronto pro recheio... *você pode usá o quê?*...pode usá frango também se preferi... no arroz (...). (MJ03)

Nota-se que, nos exemplos acima, os falantes fizeram perguntas as quais eles mesmos responderam, a este tipo de pergunta chamamos de semiretóricas. Podemos definir as perguntas semiretóricas como aquelas perguntas que não aguardam do ouvinte uma resposta, pois são respondidas pelo próprio falante; sua função, assim como a das perguntas retóricas, é a de conduzir apropriadamente o ouvinte em direção à argumentação do falante. Além desta função, as perguntas semiretóricas podem assumir a função de focalizador, pois por estratégia o falante solicita a atenção do

ouvinte para certas partes do texto com o objetivo de ativar a informação na memória do ouvinte ou apenas para checar a compreensão do que foi dito. Este tipo de estrutura pode ser utilizado como um recurso para organizar ou ordenar segmentos textuais.

As perguntas destacadas em (10), (11), (12) e (13) possuem um traço funcional comum: o falante ao realizar, por exemplo, a pergunta "você já não ouviu falar?" este a focaliza a si mesmo, ou seja, trata-se de perguntas sobre o que o este está dizendo com o objetivo de auxiliá-lo no planejamento do texto falado e também chamar a atenção do seu interlocutor. De acordo com essa perspectiva, as perguntas destacadas exercem a função de continuidade tópica mantendo assim, a unidade tópica do texto e atingir o efeito pretendido na comunicação. A esse tipo de ocorrência podemos denominar de perguntas *metadiscursiva*. As perguntas metadiscursivas estão inseridas na categoria dos procedimentos metadiscursivos, e, de acordo com Risso e Jubran (1998, p. 2), estes, em seu estatuto de discurso autorreferente, são "evidenciadores do caráter dialógico do texto falado, relacionados à administração das relações interacionais, com alvo na eficácia da comunicação, pela checagem da boa transmissão e recepção informacional". Em suma, a função do metadiscurso é auxilia na compreensão da maneira como os falantes organizam seus argumentos e como constroem suas relações com seus ouvintes.

Em (12), a construção "sabe aqueles estalos?" pode ser relacionada ao que Risso e Jubran caracterizam como *operadores de metadiscursividade*, já que a pergunta destacada funciona de forma semelhante a estes, que "tendem a se posicionar como prefaciadores, e, portanto, como mecanismos que anunciam antecipadamente, no texto, o valor discursivo do fragmento que eles introduzem" (RISSO; JUBRAN, 1998, p. 4). Tal função é desempenhada pela pergunta mencionada, pelo fato do falante utilizá-la como uma estratégia de antecipação do subtópico discursivo para poder continuar com a progressão textual atuando ainda como elemento de coesão. Nesse sentido, a pergunta funciona como uma "entrada" para dar continuidade ao tópico, ou melhor, como um sequenciador textual.

A par destas constatações, não podemos falar em apenas três tipos de perguntas, mas sim, na existência de quatro: plena, semiretórica, retórica e metadiscursiva. Além do mais, este estudo nos demonstrou que há indícios de que essas construções possam estar passando por processo de gramaticalização na fala de informantes itabaianenses. Tais indícios se tornam perceptíveis se considerarmos que

estes tipos de perguntas estabelecem um contínuo, do mais concreto ao mais abstrato: plena> semiretórica> retórica > metadiscursiva. Nesse sentido, as perguntas plenas se caracterizam como mais concretas, ou seja, desempenham funções menos gramaticais já que o objetivo desse tipo de estrutura é obter, basicamente, informações, exercendo assim, funções meramente interacionais, tratando-se, portanto de uma estrutura autônoma. Ocorrendo o contrário com os demais tipos de perguntas que tendem neste contínuo a ser mais abstratas.

Dessa forma, dentro deste contínuo, as perguntas metadiscursivas são tidas como as mais abstratas uma vez que estas, além de funcionarem como estratégias de interação, assumem outras funções – ampliando o seu contexto de uso, como a de organizar o texto, funcionando deste modo, como conectores textuais e, por consequência, atuando na coesão textual. Neste âmbito, o fato das perguntas desempenharem funções gramaticais em determinados contextos pode ser justificado como decorrente do processo de gramaticalização (por qual acreditamos estar passando estas estruturas, embora não haja evidencias quantitativas, mas devido a sua recorrência no contexto em análise nos parece bastante pertinente realizarmos tal afirmação). Adaptando o conceito de gramaticalização de Traugott (1995) aos resultados obtidos teríamos como construção lexical as perguntas do tipo plena por desempenhar função mais concreta, com a progressão dos tipos de perguntas dentro do contínuo estas passam de itens lexicais a itens gramaticais por exercer funções gramaticais.

Um estudo nesta mesma perspectiva foi desenvolvido por Araujo e Freitag (2009) só que no âmbito da escrita. As autoras chegaram a resultados semelhantes com os obtidos nesta análise. Estas constataram que os informantes utilizavam as perguntas para desenvolver o texto escrito, promovendo o encadeamento dos enunciados, servindo, portanto, como recurso de coesão. Assim como na fala, as perguntas na modalidade de língua escrita de informantes itabaianenses passaram a desempenhar também funções gramaticais exercendo o papel de sequenciador textual como a função de conector.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da ocorrência de perguntas na amostra de fala de Itabaiana/SE nos permite afirmar que as perguntas não funcionam apenas como estratégias de interação

– utilizadas para focalizar ou estimular o envolvimento do interlocutor – mas também como uma estratégia de sequenciação, devido à sua importância na organização do discurso, funcionando como mecanismo de coesão. Dessa forma, se alargarmos o nosso escopo podemos afirmar que as perguntas estão passando por um processo de gramaticalização – ou que, pelo menos, há indícios da gramaticalização deste tipo de construções, uma vez que passam a atuar também como elementos da organização textual, passando a desempenhar funções gramaticais.

Para finalizar, convém dizer que estudos sobre o uso de perguntas como estratégias de interação (em português) ainda são escassos, evidenciando, assim, a necessidade de ampliar as investigações neste campo do saber, o que pretendemos, modestamente, com esta investigação.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado** - Níveis de análise linguística. Campinas: UNICAMP, 1992, v. II, p. 357-439.

ARANHA, Simone Dália de Gusmão. Novas tecnologias no ensino de Língua Portuguesa: a propaganda da web como ferramenta pedagógica. In: **Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa** – I SIMELP. Universidade de São Paulo, 2008. p. 1-17.

FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: PRETI, Dino. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/USP, 2000, p. 79-88.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. O par dialógico pergunta – resposta. In: JUBRAN, Clélia Spinardi; KOCH, Ingedore (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p.133-166.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. **Revista do GELNE**, v. 10, p. 21-32, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita:** perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

JUBRAN, Célia Cândida A. Spinardi. Tópico discursivo. In: In: JUBRAN, Clélia Spinardi; KOCH, Ingedore (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 89-132. KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALCÂNTARA, Fabiana. Discursivização na partícula NÉ?. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué;

CEZARIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil:** uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 277-291.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. A modalização no gênero noticia jornalística. **Revista do GELNE**, v. 8, n. 1-2, , p.71-85, 2006.

RISSO, Mercedes Sanfelice; JUBRAN, Célia Cândida A. Spinardi. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. **DELTA** [online]. 1998, v. 14, n. especial. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300015&lng=en&nrm=iso>. [consultado em 25 de out. 2009].

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Comunicação apresentada no **XII International Congress of Historic Linguistics**, 1995. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>. [consultado em 8 de dez. 2008].

URBANO, Hudinilson; FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). **Gramática do português falado**. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 75-97.